

# economia

## Acordo com a UE agrava riscos ao setor vitivinícola

Novo presidente do CIC Bento Gonçalves alerta para fortes impactos ao setor de uva e vinho caso não haja políticas de incentivo

/ SERRA GAÚCHA

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul  
economia@jornaldocomercio.com.br

Atual presidente da União Brasileira de Viticultura (Uvibra), cargo ao qual deve renunciar até abril, Daniel Panizzi assumiu o comando do Centro da Indústria, Comércio e Serviços de Bento Gonçalves (CIC-BG) com o propósito de dar continuidade aos projetos de gestões passadas e ênfase em três pilares que considera essenciais: educação, saúde e segurança. Na condição de 55º gestor no comando da casa, fundada em 1914, o farmacêutico, formado na Pucrs, com especialização em indústria, Panizzi avalia que a passagem pela Uvibra será importante para este novo desafio. “Me deu maturidade, porque o setor vitivinícola é repleto de desafios, que não são poucos. No CIC, os demais setores farão parte do meu cotidiano. É um novo aprendizado”, define.

Pois é no setor em que atua, como diretor da Vinícola Don Giovanni desde 2010, que reside uma de suas principais preocupações. Para ele, o acordo Mercosul-União Europeia, no formato em que está, é prejudicial à atividade vitivinícola e pode comprometer toda a cadeia, que ainda deve sofrer o impacto da reforma tributária. O novo presidente também coloca como central a continuidade e o fortalecimento dos eventos organizados pela entidade: Envase, ExpoBento, Fenvinho e Natal dos Vinhedos.

**Jornal do Comércio - Como foi estruturada a atual diretoria do CIC Bento Gonçalves?**

**Daniel Panizzi** - Para fortalecer a gestão convidei pessoas com relação direta com setores industriais de Bento, como moveleiro e metalúrgico, compondo com representantes do comércio e dos serviços. Ninguém melhor do que eles para trazer as dores destes segmentos e representar as empresas.

**JC - Quais são as prioridades centrais de seu mandato?**

**Panizzi** - Ainda que óbvios, considerando a situação atual do país, são três os pilares fundamentais: saúde, educação e segurança. Bento tem carência de mão de obra e qualificação. Quando o filho tem acesso à educação e garantia de segurança, o



DANIEL PANIZZI/CIC/DIVULGAÇÃO/JC

Para Panizzi, pacto, no formato em que está, é prejudicial ao segmento e pode comprometer toda a cadeia

colaborador trabalha mais tranquilo. Com saúde, o estado físico-emocional é muito melhor. Sem estes três pilares nada do que vamos propor sairá do papel.

**JC - A proposta segue alinhada com a gestão passada?**

**Panizzi** - É uma continuidade da gestão passada e das anteriores, pois o CIC tem 111 anos de história. Vamos buscar no passado ideias para construir o futuro. A inovação terá uma diretoria específica para atuar junto às iniciativas já existentes como o Inova Bento e o Bento+20. A inovação deve ser bandeira local, é preciso olhar o município entendendo qual é o caminho futuro. O programa Bento+20 tem um master plan para as próximas duas décadas. Queremos entender o que tem ali, resgatar iniciativas e ver o que é possível fazer em dois anos. Também teremos como preocupação o fornecimento de energia, vamos olhar para este setor com mais sensibilidade. E, logicamente, que a produção da uva e do vinho, pilar do desenvolvimento regional, esta-



É indiscutível a qualidade do produto nacional, mas fica mais caro que o importado pela falta de tratamento tributário mais equilibrado

rá no centro dos projetos. O enoturismo, que impacta mais de 70 setores na cidade, é um vetor do crescimento econômico e social, mas deverá ter dificuldades com a reforma tributária. Medidas serão necessárias para evitar perda de competitividade.

**JC - Neste contexto como devem ser as relações com o poder público?**

**Panizzi** - Deve ser um bom relacionamento, como tem sido nos últimos anos. Primeiro passo será entender as necessidades e atuar como intermediário das demandas da comunidade e levá-las aos poderes competentes. O poder público tem suas obrigações, mas a iniciativa privada precisa ser parceira. Temos o Qualifica Bento, programa voltado à aprendizagem dentro do CIC e com o papel para treinamentos específicos. O Senai acabou de entregar uma escola na cidade, temos de fomentar cursos para capacitar. Os empresários contribuem via Consepro, destinando recursos para a segurança. Atuaremos junto aos governos para melhorar o Programa de Incentivo ao Aparelhamento da Segurança Pública para que mais empresas possam colaborar. Na saúde tivemos atuação contínua na pandemia e nas enchentes, com o encaminhamento de várias ações em parceria com outras entidades para aumentar o número de leitos no Pronto Atendimento. Vamos continuar o trabalho de buscar recursos na União e no Estado.

**JC - No início comentastes sobre a falta de mão de obra na cidade? O que fazer?**

**Panizzi** - É uma situação preocupante. Qualificação e disponibilidade de mão de obra são um grande desafio e não há perspectiva de melhora sem que haja alguma ação preventiva. Estimamos a existência de aproximadamente duas mil vagas em aberto, distribuídas de forma equilibrada em todos os setores. A maior carência, no entanto, é no operacional. O programa Qualifica também trabalha na formação dos empresários.

**JC - Na Serra, Bento Gonçalves foi uma das cidades que mais sofreu com as enchentes. Como avalia o momento atual da logística?**

**Panizzi** - É um ponto central para garantir competitividade. A dificuldade se dá em função de demora nas viagens e nos custos elevados. Temos dois diretores, um de logística e outro de infraestrutura, dedicados a propor soluções para os diferentes aspectos destes temas, como o custo pedágio, por exemplo, tema recorrente na região, que pesa muito na formação dos preços dos produtos. Teremos olhar detalhado sobre este ponto, porque atinge todos os segmentos da economia regional.

**JC - Tivemos, recentemente, um avanço no acordo Mercosul-União Europeia. Qual a posição do CIC de Bento?**

**Panizzi** - Serão necessários cuidados para impedir que problemas existentes se agravem. É o caso do vinho nacional, que já não é competitivo diante dos demais exportadores, como Chile e Argentina. É indiscutível a qualidade do produto nacional,

mas fica mais caro que o importado pela falta de tratamento tributário mais equilibrado. Atualmente, 40% dos vinhos finos importados são chilenos, mais competitivos, e o consumidor avalia o preço na compra. Com o acordo com a Comunidade Europeia deve piorar ainda mais. O cenário se agrava quando não se contempla o suco de uva no acordo. É um produto nobre de qualidade que teria grande mercado na Europa, mas está fora. Precisamos sensibilizar os políticos para isto. Ponto importante a considerar também são as salvaguardas e o protecionismo da Europa. Os governantes não podem aceitar, lá já falam, aqui ainda não. É hora de ligar o sinal amarelo para isto.

**JC - A reforma tributária também pode trazer prejuízos ao setor?**

**Panizzi** - Sim, a reforma taxa o vinho com imposto seletivo, ou seja, a tendência é de elevar a tributação e nos tornar ainda menos competitivos. Descaminho, contrabando e falsificação estarão ainda mais presentes, trazendo também problemas de saúde pública. Existe um projeto de lei no Congresso para reclassificar o vinho como outros países já o tratam. A Argentina considera o vinho como patrimônio nacional; a Itália como patrimônio cultural; e a Espanha como alimento por estar incluído na dieta mediterrânea. A tributação nos países exportadores é a metade da nacional. Precisamos ter competitividade interna via incentivos, subsídios, reclassificação tributária e dar atenção especial ao suco, um produto de grande potencial de exportação.

**JC - Já há uma visão de quanto será a alíquota sobre vinhos e derivados com as novas regras?**

**Panizzi** - Não se tem ainda definido o percentual. Mas considerando o IBS e CBS em 28,5%, não poderia passar de 4,5%. Mas deve ser bem maior que isto. O aumento tributário é preocupante. É preciso entender que vinhos e derivados são parte de uma cadeia, onde o produtor de uva está inserido. Temos aí o enoturismo, com grande presença na região e com desenvolvimento forte nos últimos anos, que também será atingido. Portanto, não é somente às vinícolas que irão sofrer.